

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 12. Leis de identidades de gênero e matrimonio igualitário

**Responsável EOL:** Esteban Klainer

**Participantes:** Paula Husni, Paula Szabo, Marcela García Guida, Cecilia Rubinetti, José Lachevsky, Sonia Beldarrain, María Marciani, Alejandra Breglia, Liliana Zaremsky, Lisa Erbin, Andrea Brunstein

O tema apresentado para esta conversa propõe abordar as leis do Casamento igualitário e da Identidade de gênero. Na Argentina se sancionaram em 2010 e 2012 respectivamente. Constata-se que este tipo de leis ou normativas constituem um fenômeno que começou a se generalizar a nível global. É assim que, nos últimos anos, vários países foram modificando a sua legislação referida a estes temas, e em outros vai se instalando nas suas agendas como debate.

Desde um ponto de vista jurídico estas leis se inscrevem dentro de um movimento que tende a ampliar o universo de direitos civis, dando dessa maneira reconhecimento legal a alguns grupos da população chamados “minorias” que ficavam por fora das legislações vigentes.

É dessa maneira que a lei do casamento igualitário, modificação sobre a lei do casamento já existente, dá validade aos laços estabelecidos por casais do mesmo sexo e equipara a estes em direitos e obrigações aos dos casais heterossexuais, permitindo-lhes também conformar famílias.

A lei de identidade de gênero esta dirigida ao que se conhece como “comunidade trans”, ou seja, travestis, transexuais, intersexos, permitindo-lhes modificar tanto os seus documentos quanto a realizar tratamentos hormonais ou cirúrgicos de redesignação de sexo.

Nosso modo de empreender a pesquisa partiu de nos perguntarmos sobre a pertinência e o lugar desde o qual, em quanto psicanalistas, interrogar o tema que se nos propôs trabalhar.

Orientamo-nos advertidos por um lado, a partir da intervenção de J.A. Miller no Senado Francês em ocasião do tratamento da lei do “Mariage pour tous”,<sup>1</sup> que não se trata de nos pronunciarmos desde nossa doutrina de forma favorável ou desfavorável sobre estas leis. E por outro lado que, em quanto psicanalistas, não fazemos uma análise sociológica da questão. É assim que nos propusemos, portanto, tomar dois aspectos que podem se desprender do tema da nossa conversa para tentar ler neles alguns sintomas. Um primeiro aspecto concernente aos “estudos de gênero”, em tanto são o sustento teórico no que se sustentam as leis. E um segundo aspecto referido ao que pode nos mostrar a clínica com sujeitos “trans”.

## **Contexto**

Como primeiro passo para poder abordar estes dois aspectos pareceu-nos importante situar nossas indagações dentro do marco geral do ENAPOL.

O tema de nossa conversa se inscreve naquilo que as descrições da época dão ao chamar “novas configurações familiares” e “novas identidades sexuais”. Acreditamos que, para não ficarmos enredados numa proliferação de novos significantes que tentam nomear as transformações que vão se produzindo tanto na família quanto na sexualidade, trata-se para nós situar se foi produzida alguma quebra, de ser assim, onde, e quais consequências podemos começar a corroborar na clínica que recebemos.

O lugar onde indagar essa quebra nos parece que não é tanto na família em si, senão na família dentro de um discurso, situando a função da matriz edípica no marco do laço social do amo. Esta distinção a encontramos em diferentes momentos do ensino de Lacan. Por exemplo, em seu seminário 5 diz:

Que é o pai? Não digo na família, porque, na família, ele é tudo o que quiser, é uma sombra, é um banqueiro, é tudo o que tem de ser, ele o é ou não é, o que às vezes tem toda a sua importância, mas também pode não ter nenhuma. A questão toda é saber o que ele é no complexo de Édipo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., Intervención en el Senado francés. *Transformaciones*. Buenos Aires: Grama. 2013, p. 129.

<sup>2</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 5. Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. 1999, p. 178.

Já aí não se confunde o pai concreto e o seu lugar na família, com a função paterna no Édipo. Ora, desde Freud conceitualizamos o Édipo como a família inscrita no inconsciente, onde as identificações obtidas no familiar edípico permitem situar-se mais ou menos no mundo.

É esse o lugar onde acreditamos que tenha que situar uma hiância para poder ler ali algumas das consequências daquilo que assinalamos quando falávamos da decadência do Nome do Pai. Então uma questão é a perdurabilidade das famílias com suas crises, e outra a dos assuntos de família como matriz das identificações em quanto sustentadas por um discurso. No nível do *Seminário 17* encontramos o modo no qual Lacan relê os efeitos da metáfora paterna e os três tempos do Édipo a partir da estrutura do discurso do amo. Lacan descola ao máximo a eficácia edípica, do mito e suas encarnaduras imaginárias. Localiza lá a castração como efeito estrutural do significante amo em quanto agente de um discurso. O discurso do amo permite um tipo de vínculo social fundado na identificação dos emblemas de uma época. Função do amo que não existiu desde sempre e cujo sustento, portanto não está garantido.

Justamente aquilo com o que nos vamos encontrando cada vez mais em nossa clínica é com os efeitos da queda desse discurso, resultado daquilo que Lacan assinala como a incidência do discurso da ciência e o discurso do capitalismo, “cada individuo é realmente um proletário, ou seja, não tem nenhum discurso do qual fazer laço social”.<sup>3</sup>

Quer dizer que aquilo que nomeamos novos sintomas são novos em tanto não são já legíveis a partir do ordenamento edípico tradicional. Isto tem levado a abrir, nos últimos anos, uma nova perspectiva no campo da psicanálise que permita deslocar os fundamentos da nossa prática da referência edípica.

Ora, se bem com Lacan a psicanálise já não situa os fundamentos da constituição subjetiva somente na matriz edípica, ou seja, a família no discurso do amo, não por isso deixamos de constatar que o derrubamento desse discurso (que tanto descreve a sociologia) produz sintomas que deixam em evidência, cada vez mais, fracassos na constituição do imaginário corporal, nas identificações sexuais e também dificuldades nos laços sociais.

---

<sup>3</sup> Lacan, J., La Tercera. *Lacanianana* N° 18. Buenos Aires: Grama. 2015, p. 17.

## Teorias de gênero - Utopia do ilimitado

Dado que o fundamento teórico das leis são as teorias de gênero, propusemo-nos como parte da pesquisa interrogar e conhecer mais esse discurso. Muitas das elaborações realizadas desde nosso campo sobre este tema remarcam fundamentalmente um ponto da controvérsia psicanálise-teorias de gênero. Estas teorias sustentam uma crítica à psicanálise pelos seus desenvolvimentos sobre as identificações sexuais, produto do passo pelo Édipo, mas desconhecem as elaborações de Lacan sobre a sexualização, realizando assim uma leitura parcial de seu ensino.

Se bem concordamos com estas leituras, resultou-nos interessante adquirir outra perspectiva a partir de algumas precisões feitas por J.-A. Miller e Éric Laurent. Em seu curso *Peças soltas*, Miller situa às teorias de gênero como um produto próprio do discurso universitário, “seriam uma sorte de realização do discurso universitário”.<sup>4</sup> Efetivamente no discurso universitário o todo-saber no lugar do semblante produz um sujeito para o qual é impossível articular-se com um significante amo. Sujeito não identificado ao que aspiram idealmente as teorias de gênero. Acreditamos que apresentar a controvérsia em termos discursivos permite, por um lado situar novamente as críticas que recebe a psicanálise, e por outro aclarar o lugar onde em seu sonho de fundar um novo laço social que não esteja baseado numa política da identidade, estes estudos sustentam uma ideia dialética de progresso, própria do discurso que as determina.

Partamos de situar, como o assinala Eric Laurent, que não existe “a” teoria de gênero em singular. Contudo o plural não deixa de constituir um campo comum em quanto se pensa no gênero como “uma série de gestos, atitudes, posturas e normas, uma sorte de paródias repetidas de forma reiterada para adquirir legitimidade, mas também capazes de serem subvertidas”.<sup>5</sup>

Neste campo comum, apesar da diversidade, podemos encontrar três posições que foram se sucedendo desde os inícios destes estudos: a primeira sustenta que o gênero não se pode pensar prescindindo da diferença sexual. A segunda, contrária à anterior, apresenta o gênero como uma construção sociocultural independente da diferença sexual. O gênero, então, é múltiplo e autônomo do sexo. Esta multiplicidade e diversidade de gêneros leva a

---

<sup>4</sup> Miller, J.-A., *Piezas sueltas*. Buenos Aires: Paidós. 2013, p. 413.

<sup>5</sup> Laurent, É., Subversión de la subversión. *Radio Lacan*: [www.radiolacan.com](http://www.radiolacan.com)

questionar a categoria em si de gênero e abre a via a uma terceira posição. Trata-se da perspectiva desconstrutivista própria do movimento *queer*. Dentro deste movimento uma de suas principais referentes teóricas é a filósofa Judith Butler, que sustenta uma crítica ao feminismo por naturalizar o sexo, por supô-lo como categoria biológica originária, pré-discursiva, quando ele também é produto de um dispositivo histórico-cultural. Nesse sentido quer afastar os estudos feministas da ideia de adquirir o nome “mulher” como uma identidade. O que propõe é uma crítica radical a toda categoria de identidade que produza o fim daquilo que chama “utopia heterossexual”. À diferença de outros teóricos do gênero, ela sustenta a possibilidade de uma psicanálise concordante a estas teorias. Tratar-se-ia de uma psicanálise que se centraria em um ideal pré-edípico. Como o assinala Eric Laurent:

[...] em essência para esta autora o edípico é o que designa a identidade sexual. O pai designa identidade sexual e o pré-edípico seria um domínio anterior ao enquadramento da mencionada identidade. Tem que retornar então à perversão polimorfa.<sup>6</sup>

Neste ideal pré-edípico, vê-se a ilusão de produzir um sujeito aberto a um universo do múltiplo que seria sem limites, sem impossíveis.

A perspectiva de uma desconstrução permanente de toda identidade é o que permitiria concluir numa posição subjetiva tal que o sujeito nunca possa considerar-se identificado. Quer dizer um sujeito que seria um puro processo aberto a uma experimentação ilimitada, não só sem os enquadramentos da tradição, senão também desconhecendo o real do gozo. Outro referente das teorias de gênero, Paul Preciado (Beatriz antes da sua transformação) propõe a criação de um novo laço social o qual chama “sociedade contrassexual”. Define esta nova sociedade da seguinte forma: por um lado “a sociedade contrassexual se dedica à desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero”, e por outro lado “proclama a equivalência (e não a igualdade) de todos os corpos-sujeitos falantes que se comprometem com os termos do contrato contrassexual dedicado à procura do prazer-saber”.<sup>7</sup> Este novo contrato social, onde o sujeito já não se reconhece como homem ou mulher, senão como corpo falante, abriria “a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, em tanto sujeitos, que a história tem determinado como masculinas, femininas ou perversas”.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Miller, J.-A., *Piezas sueltas*, op. cit., p. 400.

<sup>7</sup> Preciado, B., *Manifiesto contra-sexual*. Buenos Aires: Anagrama. 2011.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

Assim como Butler aponta o fim da “utopia heterossexual”, Preciado, mediante a sua ideia de contrassexualidade, sustenta o fim do “*contrato social heterocentrado, cuyas performatividades normativas tem sido inscritas nos corpos como verdades biológicas*”<sup>9</sup>.

Desde a psicanálise podemos ler nas entrelinhas aquilo que teorizam estas autoras, de que maneira estes estudos sustentam a utopia dialética de um novo laço social que viria no lugar do discurso amo. O que os estudos de gênero propõem a partir do discurso sobre a sexualidade é um projeto político sustentado num sentido de progresso da história. Projeto que passa por:

[...] fazer uma política não identitária, impedir que tenha lugar o reconhecimento de cada um sob uma categoria, impedir que tenha lugar o gozo que cada um extrai de estar em tal ou qual categoria. Isto libera uma sorte de construtivismo generalizado que dá acesso a um sem-limite.<sup>10</sup>

Utopia nominalista que tropeça com aquilo que resulta ineliminável, que há um impossível em tanto o gozo não pode ser reabsorvido num sistema de nomes.

Situar o debate psicanálise-teorias de gênero desde esta perspectiva, acreditamos que pode nos permitir entrar no mesmo, advertidos do choque discursivo que implica, e não nos deslizarmos para ideias de progresso próprias de outro discurso.

### **Imaginário corporal e transexualismo**

Se bem a lei de Identidade de Gênero tem como um de seus objetivos a despatologização do transexualismo, constatamos que desde a sua sanção começou a receber maiores consultas de sujeitos transexuais. Fundamentalmente a consulta se dirige a instituições, mas também chega aos consultórios. O trabalho que vem realizando o Observatório de Gênero e Biopolítica<sup>11</sup> agora sob a órbita da FAPOL tem reunido uma importante casuística que nos tem permitido interrogar mais em detalhe a clínica do transexualismo.

---

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> Miller, J.-A., *Piezas sueltas, op. cit.*, p. 416.

<sup>11</sup> El Observatorio de Género y Biopolítica se formó en 2014 dependiendo de la AMP y actualmente continúa su trabajo en la FAPOL. Lo integran Patricio Álvarez, Débora Nitzcaner, Alejandra Antuña, Paula Husni, Viviana Mozzi y Esteban Klainer.

Uma parte de nossa pesquisa ocupou-se do estudo destes casos. O que fomos encontrando em muitos deles é que o que sustenta fundamentalmente a demanda de mudança de sexo, não são questões de eleição de objeto, nem de sexuação, senão o enorme padecimento que implicam os desajustes e fracassos na constituição de um imaginário corporal consistente e as tentativas via as diferentes formas que possa adquirir a transformação por armar um corpo. Neste ponto é uma clínica onde o que vemos não são tanto fenômenos de fragmentação corporal, senão de perda da imagem, de um imaginário que cai, que se solta. Parece-nos que isto abre uma perspectiva clínica onde indagar a amarração do imaginário anterior ao armado de Outro e sem o sustento do Nome do Pai.

Uma menina diz que quer ser um menino, mais especificamente quer ter o corpo de um super-herói a partir do momento no qual o vê na televisão. O desarranjo fundamental para a menina aparece em relação com o seu corpo. Trata-se de um corpo marcado com certa deficiência ao nascer, e é a partir daí que se apresentam enormes dificuldades para o armado de um corpo, particularmente para sustentar um imaginário corporal estável. A menina apresenta uma série de fenômenos próprios de um imaginário solto que não logra se amarrar. Desde a impossibilidade de caminhar nos seus primeiros anos, até o não poder localizar a sua imagem no espelho, passando por permanentes efeitos de desdobramento de sua imagem. Neste ponto, o querer ser um menino, aparece como uma tentativa de solução que tenta resolver as suas dificuldades com relação ao seu imaginário corporal.

Uma adolescente com um semblante masculino muito bem conseguido e nome de rapaz, tem a lembrança infantil do momento preciso onde sentiu que tinha um corpo de homem: o seu irmão mais velho pede que lhe faça sexo oral; ela não faz, mas o toca, e sente que é homem. Perguntando-lhe o quê a fez sentir isso, diz: “por como tinha o pau duro”, sem poder dizer mais. Esse acontecimento produz a estabilização do seu imaginário corporal sob a forma de um corpo masculino e por sua vez consegue limitar um gozo parasitário que a perturbava.

Um jovem apresenta uma grande produção alucinatória: as vozes o interrompem constantemente, escuta os pensamentos dos outros e por sua vez é lido pelos outros. As vozes o interpelam em seu ser sexuado. Por um lado, diz que desde sempre quis ser uma menina e, por outra, refere à origem da sua “alteração” a uma cena infantil onde é manuseado por um companheiro, o qual produziu uma grande confusão no seu corpo. Diz

que o seu corpo é de homem e sua mente de mulher. Acredita que por meio da cirurgia de redesignação de sexo vai conseguir ter um corpo de mulher e com isso as vozes desaparecerão. A análise consegue que se arme um imaginário corporal feminino, sem recorrer à cirurgia, com a que se consegue uma estabilização e as vozes se calam.

Uma jovem trans relata que desde a infância sentia-se mulher. A certeza de ser mulher está situada desde o início, e incluso a posiciona em relação ao pênis: “é como se me tocassem o joelho, não sinto nada”. A moléstia do órgão se situa fundamentalmente no estético, É insuportável olhar-se nua diante do espelho. A ideia da cirurgia aparece como uma forma de corrigir o seu imaginário corporal.

Acreditamos que estes casos nos mostram aquilo que pode vir a amarrar o imaginário corporal justamente no ponto em que esse imaginário pode se articular com um gozo. Articulação a partir da qual o corpo tem uma consistência e cumpre uma função de limite. E. Laurent aponta que o limite do corpo como consistência é o que surge no último ensino de Lacan, onde o que o mantém unido ao parlêtre não é já o simbólico, senão o corpo em tanto consistência imaginária.<sup>12</sup> Um corpo que “não é o corpo hedonista, vinculado ao princípio do prazer, senão o corpo articulado a um gozo, gozo que não resulta mortal”.<sup>13</sup> Ora, como pensar esse gozo que lhe dá consistência ao corpo, que sustenta o imaginário corporal em tanto o articula a um real? Em seu texto “A Terceira”, já no nível do nó borromeano, Lacan aponta que o ser falante está dividido entre dois gozos. Um real-simbólico, gozo fora-do-corpo, que em seu funcionamento próprio faz arrebentar o imaginário; e outro gozo imaginário-real, fora-da-linguagem, que é um gozo “no” corpo.<sup>14</sup> Também sustenta que o sintoma não está feito somente de gozo fálico,<sup>15</sup> fora-do-corpo, e que então pode amarrar esse outro gozo, dando a ele um sustento real ao imaginário. Isto diz que pode lhe permitir “ganhar terreno”, fazer de limite, ao gozo parasitário e fora-do-corpo.

Neste sentido o que nos mostra o transexualismo e a sua clínica, são tentativas, mais logradas em alguns casos, menos em outros, por armar-se um corpo que articule um gozo e

---

<sup>12</sup> Miller, J.-A., *Piezas sueltas*, *op. cit.*, p. 417.

<sup>13</sup> Laurent, É., Subversión de la subversión. *Radio Lacan*: [www.radiolacan.com](http://www.radiolacan.com)

<sup>14</sup> Lacan, J., *La Tercera*, *op. cit.*, p. 28.

<sup>15</sup> Lacan, J., *La Tercera*, *op. cit.*, p. 23.



sustente um imaginário amarrado. Assim se apresenta como uma clínica que pode ensinar sobre os avatares, arranjos e desarranjos da constituição de uma consistência primeira do imaginário corporal e a função do sintoma como amarração, anterior ao armado do Outro.